Bom desempenho da indústria gaúcha em 2007: expansão ou recuperação?*

*Maria Lucrécia Calandro*** — *Economista da FEE e Professora da FACE-PUCRS*

*Silvia Horst Campos**** — *Economista da FEE e Professora da FACE-PUCRS*

Estimativas preliminares realizadas pelo IPEA apontam uma taxa acumulada de 5,2% para o PIB brasileiro no ano de 2007, estendendo, dessa forma, a fase de expansão econômica iniciada no primeiro trimestre de 2005. Com essa *perfomance,* a economia brasileira repete, praticamente 20 anos depois, um período de crescimento econômico prolongado e ininterrupto, como o que ocorreu no período 1984-87 (Carta Conj., 2007). Essa atual fase de crescimento vem sendo sustentada por um vigoroso aumento do consumo doméstico e do investimento, o qual se realimenta através da ampliação da capacidade produtiva e de elevações no nível de emprego e na demanda interna. O consumo interno cresceu alimentado pelos juros baixos, pelo crédito abundante e barato e, sobretudo, pelo alongamento dos prazos de financiamento. Os investimentos, avaliados pelas taxas de formação bruta de capital fixo (FBCF), apresentaram, pelo terceiro ano consecutivo, taxas de crescimento acima do PIB (Casarin, 2007).

Parte desses investimentos pode ser creditada ao notável aumento do volume de recursos externos que entrou no País, em patamar bem acima do previsto na maioria das análises conjunturais, as quais, de acordo com Bacha, subestimaram o grau de atratividade do Brasil (Dantas, 2008). Esses recursos na forma de IDE e de outros tipos de capitais de *portfólio*, tais como empréstimos, aplicações financeiras, bolsas, títulos públicos, dentre outros, foram canalizados, em boa parte, para novos projetos, mas não tanto para fusões e aquisições, como ocorreu na década de 90. Pelo lado da demanda, também segundo Bacha "[...] a abundância de recursos externos propiciou uma grande liquidez interna, que alavancou uma forte expansão do crédito e alimentou o consumo" (Dantas, 2008, p. B-12).

A maior parte dos recursos foram canalizados para os setores de energia elétrica e construção civil, recuperando, em parte, o atraso nos investimentos em infra-estrutura, e isso "[...] pode ilustrar a importância que a infra-estrutura voltou a ter nas decisões de investimento, tanto por parte do setor público quanto por parte do setor privado" (Casarin, 2007, p. 23).

Outros indicadores macroeconômicos também apresentaram bom desempenho. A taxa de inflação (IPCA) de 4,46%, apesar da pressão dos preços dos alimentos, especialmente leite e derivados, soja, feijão e carnes, ficou abaixo do centro da meta estabelecida pelo Governo; a taxa de juros (Selic) passou por sucessivas reduções ao longo do ano, mantendo-se em patamar próximo de 10% (11,25%) no final de 2007, taxa ainda maior do que as praticadas nos países estáveis (Celoto; Melo, 2008); a relação dívida líquida do setor público/PIB manteve a tendência de redução pelo quarto ano seguido; e o saldo em conta corrente, embora em queda no ano em análise, foi superavitário.

O desempenho da economia brasileira em 2007 foi favorecido pelas *performances* dos três setores: a indústria mantém a trajetória de crescimento iniciada em 2005 e, dessa forma, vem impulsionando o crescimento dos demais setores econômicos[1]; o setor serviços cresce assentado no desempenho do comércio e da intermediação financeira; e a agricultura vive um bom momento, com safra recorde e preços em alta.

O setor serviços, com taxa de crescimento prevista de 4,7% (Carta Conj., 2007), teve como destaque o extraordinário aumento das vendas no varejo: o crédito "farto e barato" e o alongamento dos prazos de financiamento, associados a um aumento da massa salarial e de gastos públicos, incorporaram novas classes de consumidores (C e D) e impulsionaram, sobretudo, as ven-

* Artigo recebido em 25 jan. 2008.

** *E-mail*: calandro@fee.tche.br

*** *E-mail*: campos@fee.tche.br

[1] A evolução da produção da indústria de transformação é utilizada para fazer previsões a respeito do comportamento do PIB, isto porque ela "[...] é o segmento cujo crescimento exerce maior poder de alavancar o crescimento dos demais setores e, portanto, com mais potencial para contribuir para o crescimento da produtividade da economia" (Primeiro..., 2007, p. 1 apud Campos, 2007, p. 7).

das de bens industriais. Alguns ramos industriais já trabalham próximos do limite da capacidade instalada, como é o caso da indústria automobilística. O nível de utilização da capacidade instalada em 2007, medido pela CNI, ficou em 82,9% (Balanço..., 2007).

Segundo a Associação Nacional das Instituições de Crédito e Investimento (Acrefi), em 2007, o volume de crédito ao consumidor foi o melhor dos últimos 10 anos, apoiado na concessão de prazos mais longos, em taxas de juros menores e em um cenário macroeconômico favorável.[2]

A agricultura, pelo segundo ano, apresenta bons resultados, decorrentes do momento favorável vivido pelo setor: preços e produção elevados. Está prevista a colheita da maior safra brasileira de grãos, calculada em 145,8 milhões de toneladas, o que representa um crescimento de 3,1% em relação ao volume colhido no ano anterior, segundo estimativa do IBGE (De Chiara, 2008). Em termos de valor, esses números assumem maior magnitude, favorecidos pela elevação nos preços das *commodities*. O aumento da renda agrícola daí decorrente terá impactos positivos em 2008, estimulando o consumo e o aumento dos investimentos tanto na agricultura quanto em outros segmentos produtivos.[3]

Confirmados e festejados os bons resultados de 2007, resta a questão relativa à sustentação dessa trajetória de crescimento assentada na expansão da demanda interna (consumo e investimento), uma vez que é incerta a evolução de algumas variáveis macroeconômicas importantes, tais como a inflação e a taxa de câmbio, em um ambiente de recessão norte-americana e ameaça de crise energética.

É no setor externo que se encontram as maiores incertezas a respeito da continuidade do crescimento econômico com base no padrão atual, isto porque o aumento da demanda doméstica em um ritmo superior ao da oferta interna requer importações crescentes. Como as importações, estimuladas pelo real valorizado, tendem a crescer mais do que as vendas externas, a tendência para os próximos meses é de redução do superávit. Já há previsões de déficit em conta corrente no ano de 2008. Ressalte-se, porém, que nem tudo é negativo nesse cenário, uma vez que parte do aumento de importações ocorre no segmento de bens de capital e pode estar sendo utilizada para aumentar a capacidade produtiva e a produtividade da indústria brasileira.

O objetivo deste artigo é analisar o desempenho das indústrias brasileira e gaúcha com base no índice de evolução da produção física (PIM-IBGE), no período jan.-nov./07, examinando os segmentos responsáveis pelas elevadas taxas de crescimento atingidas por esse setor produtivo. Após esta **Introdução**, avalia-se o desempenho da produção física da indústria brasileira, agrupada por categorias de uso e por atividade, e o desempenho da atividade fabril do ponto de vista da distribuição espacial. A última parte do artigo é dedicada à análise do desempenho da indústria gaúcha em nível global, comparado com o da indústria nacional, e também desagregada segundo as principais atividades.

Desempenho da produção física da indústria brasileira

A produção industrial brasileira, avaliada pelo índice de produção física (PIM-IBGE), acumulou, no período jan.-nov./07, um crescimento de 5,5%, sustentado pelo desempenho dos segmentos produtores de bens de capital e de consumo duráveis. Em novembro, último dado disponível para 2007, a queda de 1,8% na produção industrial decorreu da retração da atividade produtiva da maioria dos ramos pesquisados. A exceção coube à categoria bens de capital, que manteve o comportamento expansionista, acumulando uma taxa de 8,6% nos 11 meses de 2007 (Ind. IBGE, 2007). Uma nova queda na produção industrial aparece nas estimativas do IPEA (-2% em comparação com novembro), fechando o ano com um taxa acumulada de 5,2%. Esses dois meses de retração da atividade produtiva podem ser considerados resultado de uma acomodação natural do nível de produção após um período de crescimento acelerado e do menor número de dias úteis de dezembro e, segundo o IPEA, não indicam uma reversão da trajetória de crescimento (Indicador IPEA..., 2008).

O Gráfico 1 apresenta a evolução do índice de produção física da indústria brasileira, agrupada por categorias de uso, no período jan./06-nov./07. As informações do Gráfico 1 mostram que a forte expansão da produção industrial vem sendo liderada pelos segmentos produtores de bens de consumo duráveis e de capital, estes últimos registrando taxas acumuladas superiores a 15% no período analisado.

[2] Para maiores informações a respeito do desempenho da agricultura brasileira e mais especificamente da gaúcha, ver texto específico nesta mesma edição da revista.

[3] Deve-se ressaltar que o crescimento no consumo doméstico vem sendo sustentado pelo aumento do endividamento via financiamentos de longo prazo, uma vez que o aumento do número de novos empregos e dos salários dos trabalhadores vem crescendo menos do que o crédito.

No segmento produtor de bens de capital, o destaque é a produção de bens agrícolas e de peças agrícolas, com taxas acumuladas (jan.-nov./07) de 47,2% e 169,3% respectivamente (Ind. IBGE, 2007). Esse segmento foi beneficiado pela recuperação da agricultura e pelo o conseqüente aumento da renda agrícola após dois anos consecutivos de quebra de safra. Informações da Anfavea (Carta Anfavea, 2008) mostram que foram produzidas 65,0 mil unidades de máquinas agrícolas automotrizes no ano de 2007, o que representa um crescimento de 41,0% em relação ao montante registrado em 2006. A maior parcela foi vendida no mercado interno, que teve um aumento de 49,2%, enquanto as exportações tiveram uma expansão de 20,6%, ambos os aumentos registrados na comparação com igual período do ano anterior.

A categoria bens de consumo não duráveis teve o pior desempenho no período analisado, o que pode ser explicado, em larga medida, pelo comportamento de segmentos tradicionais que exportam parcelas expressivas da produção. Esses fabricantes estão encontrando dificuldades em concorrer tanto no mercado externo quanto no interno, devido às perdas de competitividade ocasionadas principalmente pela valorização cambial.

A Tabela 1 apresenta o desempenho da produção física brasileira, agregada por atividade econômica, no período jan.-nov./2007, evidenciando a trajetória de crescimento da indústria ao longo do período em análise. Os melhores desempenhos ficaram por conta dos segmentos produtores de bens de capital, secundados pelos fabricantes de veículos automotores (115,1%) e equipamentos de transporte (115,1%).

O cenário é desfavorável para os fabricantes de produtos tradicionais. Para se adaptarem às mudanças em curso na indústria calçadista internacional, os produtores brasileiros estão realizando um esforço de alteração na forma de inserção externa, através da diversificação de compradores, da agregação de valor ao calçado e da crescente diferenciação de modelos, que incorporam *design* e conteúdo de moda. O objetivo é "[...] fugir da concorrência asiática em terceiros mercados e compensar a perda de rentabilidade pela moeda desfavorável às exportações" (Fabricantes..., 2008, p.1). Alguns produtores, em razão do real valorizado e do aumento do consumo doméstico, redirecionaram suas vendas para o mercado interno, estratégia que evitou o fechamento de algumas empresas calçadista. Desse esforço de reestruturação e de redirecionamento da produção para mercados de calçados mais sofisticados resultou que, ao longo de 2007, embora tenha havido uma queda na quantidade de pares exportados, o preço médio do calçado comercializado aumentou 4,1% em relação a 2006. De janeiro a novembro do ano passado, "[...] o Brasil exportou 163 milhões de pares, uma queda de 1,4% em relação ao mesmo período de 2006. Mas, por conta do aumento do preço médio, o faturamento com as vendas externas cresceu 2,6%" (Fabricantes..., 2008, p.1).[4]

No esforço de reinserção externa, os fabricantes de calçados valem-se de programas desenvolvidos por entidades de classe com a ajuda do Governo Federal, como é o caso do Brazilian Footwear, programa desenvolvido pela Associação Brasileira da Indústria de Calçados (Abicalçados) e pela Agência de Promoção de Exportações (Apex-Brasil). Os principais eventos do setor são: a Couromodas, realizada no mês de janeiro, e a Francal, que ocorre no mês de junho.

Outro destaque negativo é o desempenho do segmento de alimentos, não pela modesta taxa de crescimento acumulada de 2,6% no período jan.-nov./07, mas pela forte elevação de preços, que resultou em aumento da taxa de inflação, medida pelo IPCA, de 4,46% (IPCA), revertendo a trajetória de desaceleração do nível de preços iniciada em 2003.

Entre os bens duráveis, a ênfase deve ser dada à produção de autoveículos (leves, caminhões e ônibus) montados e desmontados, que cresceu 13,9% em 2007, em comparação com o ano anterior, totalizando 2,97 milhões de unidades (Carta Anfavea, 2008), superando o recorde histórico de 1997. O crescimento da demanda por veículos impulsionou a produção de autopeças, forçando esses fabricantes a aumentarem a utilização da capacidade instalada — mediante a contratação de mão-de-obra e o aumento dos turnos de trabalho — e, em alguns casos, a realizarem investimento em infra-estrutura. As previsões de integrantes desse segmento produtivo são de que, em 2008, um novo recorde de vendas de veículos será atingido.

Do ponto de vista espacial da atividade fabril, observa-se a generalização da tendência de crescimento da produção física industrial verificada em nível nacio-

[4] Em 2007, o calçado brasileiro foi vendido no exterior a US$ 10,41, em média, o par. As previsões de faturamento para o ano de 2008, a julgar pelos resultados comerciais da 30ª Couromodas, são bastante animadoras em relação às vendas tanto no mercado interno quanto nos principais países de destino: houve um crescimento de 11,11% sobre o valor comercializado no ano anterior. O preço médio do calçado exportado elevou-se para US$ 35,00. No caso dos Estados Unidos, principal destino dos calçados brasileiros, o preço médio do par subiu para US$ 15,80, quase o dobro do preço do calçado chinês, que se situa em torno de US$ 8,00 (Valor..., 2008, p. 12).

nal em 2007 (Ind. IBGE, 2007a). Os indicadores relativos ao mês de novembro (mensal, acumulado no ano e acumulado em 12 meses), quando comparados com os de 2006, assinalam taxas de crescimento positivas em todos os 14 locais pesquisados pelo IBGE, com exceção da comparação mensal com novembro do ano anterior no caso do Estado do Pará. Com desempenhos acima da média nacional, destacam-se Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, São Paulo e Paraná, estados em que a estrutura industrial revela forte presença de segmentos produtores de bens de capital (especialmente para uso agrícola, de informática e de transportes) e de bens de consumo duráveis (particularmente veículos automotores e autopeças), além de setores tipicamente exportadores (minério de ferro, açúcar, complexo soja e carnes). Assim, os principais fatores que sustentaram a expansão da indústria brasileira em 2007 — ampliação do consumo doméstico, beneficiado pelas boas condições de crédito; crescimento do investimento, aumentando a capacidade produtiva; e dinamismo das vendas externas, apoiado principalmente na maior exportação de *commodities* — afetaram esses estados de maneira diferenciada.

As indústrias estaduais também acompanharam o contínuo crescimento do índice de média móvel trimestral da indústria nacional, que acumulou expansão de 9,3% desde junho de 2006. Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo vêm liderando essa expansão com taxas acima da média nacional: respectivamente, 12,8%, 12,1% e 9,7% (Ind. IBGE, 2007a). Construído com base na série de índices da produção industrial livre de influências sazonais, a evolução do indicador trimestral permite uma melhor visualização da trajetória de expansão que caracterizou a indústria no Brasil, nos últimos dois anos.

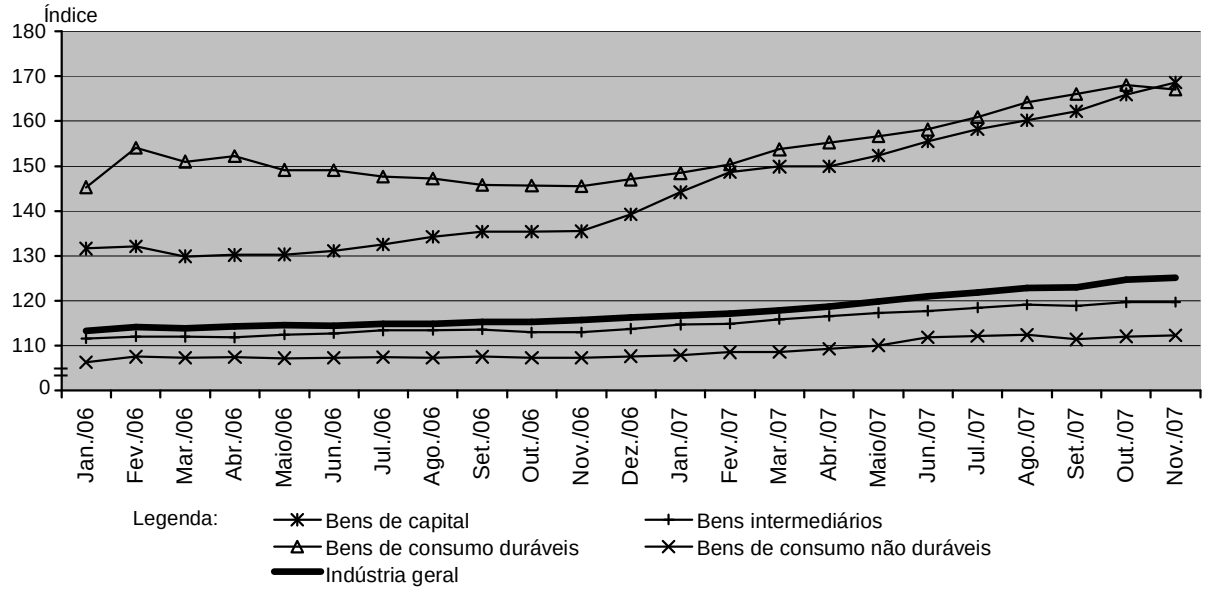
Esses resultados tão favoráveis não se mantêm, quando se considera a série dessazonalizada de índices da produção industrial na comparação com o mês imediatamente anterior. Na passagem de outubro para novembro, os índices regionais mostraram queda em sete dos 14 locais pesquisados, acompanhando, assim, o recuo da indústria nacional (-1,8%). Espírito Santo registrou a maior expansão na produção (2,6%); e o Paraná, a maior queda (-9,1%). O Rio Grande do Sul apresentou um crescimento de 0,6%. De um modo geral, pode-se argumentar que as taxas de novembro se ressentiram de uma base de comparação elevada, uma vez que os resultados de outubro apresentaram vários recordes de produção.

O Rio Grande do Sul ocupou o segundo lugar em termos do desempenho acumulado no ano até novembro (8,0%) e do indicador anualizado (7,4%) — acumulado nos últimos 12 meses — e a terceira posição, com 8,7%, no *ranking* das taxas de crescimento do indicador mensal (comparação com o mesmo mês do ano anterior).[5] Embalado pela boa *performance* de importantes e representativos segmentos da agroindústria e pelo ambiente econômico favorável, o Estado exibe taxas de crescimento superiores à média nacional. Destaca-se a espetacular expansão da produção de bens de capital para fins agrícolas, a fabricação de veículos automotores, ônibus, reboques e semi-reboques e a atividade de refino de petróleo e álcool.

[5] É importante lembrar que parte da boa *performance* da indústria gaúcha em 2007 se deve à base de comparação deprimida. Em 2006, o Rio Grande do Sul registrou queda de 1,98% na produção industrial, o segundo pior resultado dentre os locais pesquisados pelo IBGE.

Gráfico 1

Evolução do índice da produção física da indústria, por categorias de uso, no Brasil — jan./06-nov./07



FONTE: INDICADORES IBGE: pesquisa industrial mensal: produção física Brasil. Rio de Janeiro, nov. 2007. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/industria/ pimpfbr/default.shtm>. Acesso em: 08 jan. 2008.

NOTA: Índices mensais de base fixa (2002 = 100); série com ajuste sazonal; média móvel trimestral.

Tabela 1

Indicadores da produção industrial, por seções e atividades de indústria, no Brasil — 2007

SEÇÕES E ATIVIDADES DE INDÚSTRIA	Δ% ACUMULADO		
	Jan.-Set.	Jan.-Out.	Jan.-Nov.
Indústria geral	105,35	105,90	105,98
Indústrias extrativas	105,80	105,63	105,43
Indústria de transformação	105,32	105,92	106,01
Alimentos	102,32	102,81	102,56
Bebidas	105,25	105,55	105,41
Fumo	91,83	91,83	91,94
Têxtil	102,93	103,36	103,50
Vestuário e acessórios	103,63	104,58	104,54
Calçados e artigos de couro	96,92	98,09	98,31
Madeira	97,44	97,80	97,42
Celulose, papel e produtos de papel	100,10	100,44	100,55
Edição, impressão e reprodução de gravações	99,44	100,41	100,45
Refino de petróleo e álcool	101,49	102,43	102,72
Farmacêutica	102,36	101,90	101,54
Perfumaria, sabões, detergentes e produtos de limpeza	106,57	105,81	105,36
Outros produtos químicos	105,76	105,89	105,73
Borracha e plástico	104,07	104,96	105,68
Minerais não metálicos	105,05	105,39	105,33
Metalurgia básica	106,66	106,60	106,70
Produtos de metal — exclusive máquinas e equipamentos	105,39	105,75	105,83
Máquinas e equipamentos	117,29	117,71	117,76
Máquinas para escritório e equipamentos de informática	115,28	116,13	115,89
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	111,87	113,20	113,84
Material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações	94,79	96,25	97,30
Equipamentos de instrumentação médico-hospitalares, ópticos e outros	99,95	101,68	103,19
Veículos automotores	112,52	114,26	115,08
Outros equipamentos de transporte	118,43	117,48	115,09
Mobiliário	109,54	109,37	108,21
Diversos	99,60	99,42	99,24

FONTE: IBGE. Diretoria de Pesquisas. Coordenação de Indústria.

NOTA: 1. Os dados têm por base igual período do ano anterior = 100.

2. Ponderação realizada através da PIA 1998/2000.

A indústria gaúcha em 2007: expansão ou recuperação?

Segundo estimativas preliminares da Fundação de Economia e Estatística (FEE), a economia gaúcha cresceu 7,0% em termos reais, em 2007, portanto, acima da taxa de crescimento projetada para o Brasil. A indústria, que participa com 29,05% do Valor Agregado Bruto (VAB) do RS, expandiu-se 7,2%, depois de dois anos consecutivos de taxas negativas. O melhor desempenho foi da indústria de transformação: 7,9% (FEE, 2007).

No Gráfico 2, são apresentadas as taxas de crescimento da produção física industrial no Brasil e no Rio Grande do Sul, em bases tanto trimestrais como mensais. De imediato, têm-se duas observações a fazer. A

primeira refere-se ao patamar em que elas se movem, sensivelmente mais elevado no caso da indústria nacional, que chegou em novembro de 2007 com crescimento acumulado de 25% sobre a média de 2002, 15 pontos percentuais superior ao obtido pela indústria gaúcha. Embora sem ser constante ao longo do período considerado, a diferença de patamares reflete principalmente o impacto dos ajustes efetuados pela indústria gaúcha às alterações de política macroeconômica nacional, em especial da política cambial (a partir de meados de 2004), e os efeitos da crise do setor agrícola desencadeada por dois anos de forte estiagem (2004 e 2005).[6] A diminuição da renda e da demanda na agricultura reduziu a capacidade financeira dos produtores e atingiu negativamente as carteiras de crédito das principais cooperativas da região sul e a indústria fornecedora de matéria-prima e bens de capital (basicamente máquinas agrícolas). Essa situação, juntamente com a valorização do câmbio e as restrições de créditos aos exportadores, "[...] estendeu a crise na economia do Estado para outros segmentos industriais, como o complexo coureiro-calçadista, moveleiro e a indústria de alimentos e bebidas" (Balanço..., 2007, p. 71).

A segunda observação ressalta o contraste entre as trajetórias das taxas de crescimento de ambas as indústrias. Esse movimento, que é relativamente contínuo e ascendente no caso brasileiro, apresenta oscilações pronunciadas no âmbito da indústria estadual, configurando, inclusive, taxas negativas no primeiro semestre de 2006. A forte dependência das cadeias produtivas ligadas ao agronegócio explica boa parte dessa evolução. A retomada da atividade industrial iniciou depois da safra 2005/2006 e ganhou força com a ocorrência de uma segunda boa safra em 2006/2007. Ressalte-se, contudo, que só recentemente esses impulsos, potencializados por um ambiente econômico, nacional e regional, favorável, têm logrado posicionar a atividade industrial gaúcha próxima dos patamares que antecederam o período de crise. Em conseqüência, pode-se afirmar que a indústria gaúcha ainda se encontra em fase de consolidação de um processo de recuperação: "[...] a indústria ainda não recuperou as perdas acumuladas de 2005 e 2006 [...] o crescimento efetivo da atividade industrial no Estado, mantida a tendência atual, deverá iniciar apenas em 2009" (Indústria..., 2008).

Conforme já foi sinalizado anteriormente, neste artigo, o desempenho da indústria gaúcha é largamente balizado pela sua estreita vinculação com o agronegócio e também com o setor exportador. Em conseqüência, é importante considerar o seu perfil estrutural, ao analisar a *performance* dos vários segmentos industriais. A Tabela 2 inclui a estrutura do Valor da Transformação Industrial (VTI) e do emprego industrial no Rio Grande do Sul, ambos com base na Pesquisa Industrial Anual (PIA) de 2005.

Examinado em nível das atividades produtivas industriais, o crescimento da indústria gaúcha acumulado no período jan.-nov./07, comparado com o mesmo período de 2006, foi alavancado principalmente por atividades do complexo metal-mecânico, em especial pela produção de máquinas e equipamentos (33,28%) e fabricação e montagem de veículos automotores (27,21%) e pelo refino de petróleo e álcool (31,49%). Juntas, elas respondem por 20,78% do VTI e 14,30% do emprego industrial (Tabela 2). Observa-se que essas também são as atividades que vêm obtendo os maiores acréscimos de produtividade no período recente, impulsionados essencialmente pelo aumento da demanda doméstica, que, por sua vez, deriva da ampliação da capacidade instalada, a qual é decorrência de investimentos realizados, da recuperação da agropecuária e da recomposição da renda do produtor rural, da diminuição das taxas de juros, da elevação da renda e do emprego e da expansão do crédito (Campos, 2007). Dentro do complexo metal-mecânico, destacaram-se também a fabricação de produtos de metal — exclusive máquinas e equipamentos (1,71%) e a metalurgia básica (6,67%), que, juntas, respondem por 9,52% do VTI e 8,31% do emprego na indústria de transformação.

O Rio Grande do Sul é o maior pólo produtor nacional de máquinas e implementos agrícolas, e a fabricação de tratores e de colheitadeiras assume grande importância na matriz industrial local. O Estado sedia três fábricas de tratores e duas de colheitadeiras, com predominância de capital multinacional. A crise que se abateu sobre o agronegócio em 2005 e 2006 repercutiu fortemente no desempenho dessa indústria, comprometendo metas de produção e a rentabilidade do setor. A manutenção dos elevados níveis de exportação também se mostrou inviável frente à valorização do real e à perda de competitividade do produto brasileiro no mercado externo.

Essa situação começou a ser revertida em 2007, com as empresas gaúchas aproveitando o bom momen-

[6] Considerando a série histórica total disponível (1991-07), observa-se uma alternância entre os patamares das taxas de crescimento trimestrais das indústrias nacional e estadual, mantendo uma relativa proximidade entre os mesmos até agosto de 2004, a partir de quando a diferença ampliar-se significativamente, atingindo seu ponto máximo em abril de 2006, correspondendo a 17 pontos percentuais.

to vivenciado pelo setor agrícola nacional (boas safras de grãos, alta de preços das *commodities*, reflexos da demanda por agroenergia, dentre outros fatores) e passando a direcionar a maior parte de sua produção para o mercado interno. As vendas internas aumentaram 49,2%, as exportações cresceram 20,6% em volume e 13,9% em valor, e a produção expandiu-se 41%, mas esse bom desempenho ainda está muito aquém do potencial do mercado e da capacidade de produção dessa indústria no Brasil, que é de 98 mil unidades. O maior incremento ocorreu em colheitadeiras, máquinas de grande porte de maior preço unitário, segmento liderado pelo Rio Grande do Sul e que foi o mais atingido com as quebras de safra. A produção cresceu 120,4%; as vendas internas, 131,2%; e as exportações, principalmente de tratores, 49,1% , mas ainda há postos de trabalho a serem recuperados (Carta Anfavea, 2008).

A reedição do programa Moderfrota, com a redução dos juros dos financiamentos agrícolas e o lançamento de programas estaduais e federais que facilitam financiamentos para os pequenos produtores, trouxe um alento adicional para essa indústria. Paralelamente, há ainda um espaço significativo para mecanização nas lavouras brasileiras e a necessidade de suprir o déficit de máquinas agrícolas. Segundo a Anfavea, a frota brasileira de tratores é de 337 mil unidades; e a de colheitadeiras, de 4 mil, sendo necessários cerca de 40 mil novas máquinas por ano no Brasil (São Paulo..., 2007).

Outra contribuição importante para o bom desempenho da indústria gaúcha em 2007 veio da atividade de fabricação e montagem de veículos automotores e de implementos rodoviários. Conforme já comentado na primeira parte deste artigo, o desempenho da produção e das vendas de autoveículos foi espetacular em 2007, por conta do aquecimento da demanda interna. O Rio Grande do Sul beneficiou-se sobretudo da expansão do segmento de autopeças e de fabricação de veículos pesados, carroçarias de ônibus e implementos rodoviários. Empresas como Marcopolo, Randon e Agrale superaram, em grande medida, as projeções iniciais e realizaram investimentos com vistas à ampliação da produção.

Ainda no corte por ramos industriais, uma contribuição positiva importante para a formação da média global da indústria gaúcha vem da produção de alimentos e bebidas. Mais intensiva em mão-de-obra, essa atividade empregou 16,92% do total do emprego formal industrial e respondeu por 17,50 % do VTI gerado em 2005. Um aspecto muito positivo é o fato de que essa indústria expandiu tanto o emprego formal quanto a produção nos últimos dois anos. No Rio Grande do Sul, os ramos individuais mais representativos são abate e preparação de carnes e moagem, fabricação de produtos amiláceos e de rações balanceadas para animais.

A *performance* dessa indústria poderia ter sido ainda melhor, não fosse o aumento de custos das matérias-primas, principalmente dos grãos. Deve-se observar também que ela foi muito favorecida pelo aquecimento da demanda interna, que aumentou por conta do crescimento dos níveis de emprego e da renda. Conforme a Associação Brasileira das Indústrias de Alimentação (ABIA), "[...] 75% da produção do setor estão voltados para o mercado interno, refletindo, pois, diretamente as variações do poder de compra da população" (Custo..., 2008). Um segmento produtivo que tem dado uma contribuição positiva em 2007, no Rio Grande do Sul, é o de abates e exportações de carnes de frango e suínos, como forma de compensar as quedas dos abates de carne bovina.

As mais importantes contribuições negativas para a formação da taxa global da indústria gaúcha foram dadas pela indústria do fumo e pela fabricação de calçados e artigos de couro. Destaca-se que as taxas negativas de 2007 recaem sobre uma base já enfraquecida, agravando ainda mais a situação de crise que permeia essas atividades, especialmente quando se observa que 2004 foi o último ano em que ocorreu uma taxa anual positiva.

Ambos os segmentos são representativos no Estado e também em nível nacional, de sorte que também apresentaram desempenho negativo, quando se considera a indústria brasileira. Por tratar-se de atividades muito voltadas para o mercado externo, é compreensível que seu desempenho seja afetado pela política cambial vigente. Assim, enquanto predominou a política de desvalorização do real, as exportações de calçados e de fumo estavam em alta e garantiam a rentabilidade e a competitividade do produto nacional. Na situação atual, que já se prolonga por cerca de três anos, esses segmentos têm encontrado dificuldades para assimilar os impactos da valorização do real frente ao dólar.

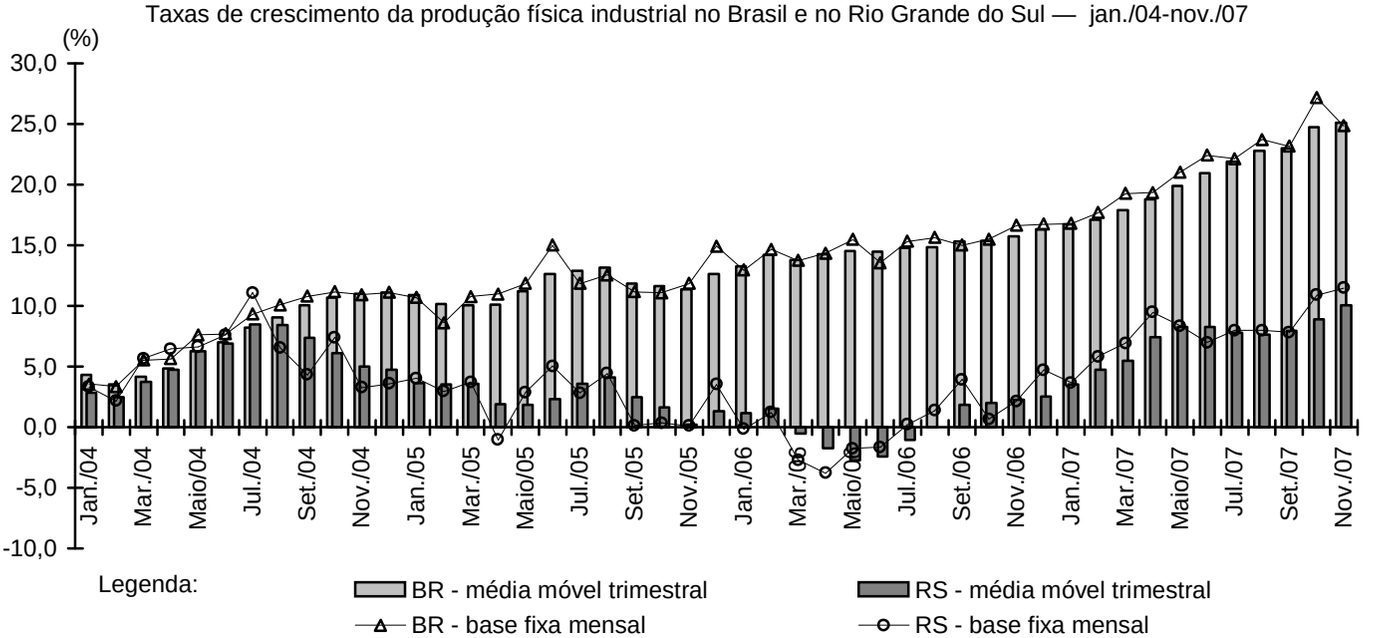
Na indústria coureiro-calçadista, a estratégia predominante é agregar valor ao produto final, para poder exportá-lo numa faixa de preço mais elevado, ainda não ocupada pelas exportações chinesas. Em pesquisa realizada junto a diversas empresas calçadistas gaúchas, foi possível observar o esforço em busca de um produto de moda, com *design* criativo e diferenciado. Também foi observado um certo clima de otimismo com relação ao futuro da indústria no Estado e no Brasil, com base na percepção da superação da fase de acomodação e ajuste à nova situação. Essa perspectiva de recuperação é particularmente relevante, quando se considera o complexo coureiro-calçadista, tendo em vista o elevado vo-

plexo coureiro-calçadista, tendo em vista o elevado volume de emprego que ele absorve. Conforme a PIA — 2005, a atividade de curtimento de couros e fabricação de calçados e de artigos de couro respondeu por 25,91% do total de empregos gerados na indústria de transformação gaúcha, superando, em larga escala, a representatividade da indústria do fumo, que foi de apenas 1,04% (Tabela 2).

Na indústria do fumo, a estratégia precisa ser outra, pois o que se exporta é fumo processado, uma das primeiras etapas do beneficiamento do fumo. Nesse caso, mostra-se imprescindível a redução de custos para garantir a competitividade do produto no mercado interna-

Gráfico 2

Taxas de crescimento da produção física industrial no Brasil e no Rio Grande do Sul — jan./04-nov./07



FONTE: IBGE. Produção física industrial: número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2006/2007. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 jan. 2008.

NOTA: Índices de base fixa (2002 = 100) com ajustamento sazonal.

Tabela 2

Taxas de crescimento da produção física e do emprego formal , por seções e atividades da indústria, e estrutura setorial do VTI e do emprego no Rio Grande do Sul — 2005/07

(%)

SEÇÕES E ATIVIDADES	PRODUÇÃO			ESTRUTURA DO VALOR DA TRANS-FORMAÇÃO INDUSTRIAL EM 2005	EMPREGO FORMAL			ESTRUTU-RA DO EMPRE-GO INDUS-TRIAL EM 2005
	Nov./07 (1)	Taxa Acumulada no Ano (2)			Nov./07 (1)	Taxa Acumulada no Ano (2)		
		Jan.--nov./06	Jan.--nov./07			Jan.--nov./ /06	Jan.--nov./07	
Indústria de tranformação.....	8,70	-2,14	8,00	100,00	2,29	-8,66	-0,11	100,00
Alimentos e bebidas	...	...	...	17,50	-2,80	4,03	4,72	16,92
Alimentos.....	15,43	5,50	5,26	14,57	...	...	...	15,55
Bebidas.....	-8,50	8,47	4,44	2,93	...	...	...	1,37
Fumo.....	0,39	-7,30	-5,84	5,42	-9,58	-7,77	-9,70	1,04
Calçados e artigos de couro....	-0,43	-8,44	-7,32	9,77	-13,28	-22,46	-13,30	25,91
Papel e gráfica	...	...	...	...	3,22	-2,22	-0,07	...
Celulose, papel e produtos de papel.....	10,54	4,12	-0,09	1,88	...	...	...	1,58
Edição, impressão e reprodu-ção de gravações.....	5,03	-2,47	3,25	1,94	...	...	...	2,65
Refino de petróleo e álcool.....	18,92	-2,99	31,49	3,24	2,89	4,39	3,62	0,19
Outros produtos químicos.....	-5,86	0,78	0,48	13,66	10,06	0,59	11,69	2,14
Borracha e plástico.....	1,48	5,32	5,83	4,28	5,48	-12,59	-0,93	4,93
Metalurgia básica.....	7,30	-0,51	6,67	4,47	0,32	-1,61	-2,12	1,83
Produtos de metal – exclusive máquinas e equipamentos.....	7,44	-10,97	1,71	5,05	45,28	-2,13	34,86	6,48
Máquinas e equipamentos.....	37,31	-17,43	33,28	9,29	16,10	-10,40	2,96	8,29
Veículos automotores.....	12,83	5,92	27,21	8,25	14,06	1,59	9,20	5,82
Mobiliário.....	-9,22	4,40	-5,00	2,79	...	...	...	4,84
Demais atividades	...	...	...	12,46	...	...	...	17,58

FONTE: IBGE**. Pesquisa Industrial Mensal Emprego e Salário**; número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2006/2007. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 14 jan. 2008.
IBGE**. Produção física industrial**; número-índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2006/2007. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 jan. 2008.
PESQUISA INDUSTRIAL ANUAL 2005 — PIA. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/industria/pia/empresas/emp2005.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2007.
NOTA: Sem ajustamento sazonal.
(1) Os dados têm como base igual mês do ano anterior. (2) Os dados têm como base igual período do ano anterior.

Considerações finais

Sustentado pelas elevadas taxas de crescimento dos investimentos e pela expansão da demanda interna, o PIB brasileiro alcançou uma taxa acumulada, no período jan.-nov./2007, bem acima das previsões realizadas por analistas econômicos e por representantes de entidades empresariais. Os preços, de um modo geral, vêm apresentando evolução compatível com as metas previstas pelo Governo, e seu comportamento irá determinar, em larga medida, a condução da política monetária nos próximos meses.

A taxa de crescimento estimada de 5,2% recoloca a economia brasileira na trajetória de expansão. Contribuíram para esse bom desempenho a recuperação da atividade industrial, a excelente safra agrícola de 2007 e o extraordinário crescimento do setor serviços, especialmente o do segmento de comércio varejista, que vem sendo estimulado pelo alongamento dos prazos de financiamento e pela ampliação do gasto público (gasto social e aposentadorias).

A indústria brasileira cresceu apoiada no desempenho da categoria de bens de capital e de consumo duráveis, sobretudo automóveis e eletrodomésticos, cujas prestações menores, em virtude dos prazos de pagamento mais longos, passaram a caber nos orçamentos de um número maior de pessoas. Os piores desempenhos ficaram por conta de alguns segmentos produtores de bens tradicionais, especialmente calçados, atingidos pela concorrência asiática nos principais mercados externos e também no mercado interno.

No caso do Rio Grande do Sul, destaca-se um desempenho global superior ao da média nacional, fruto de um cenário econômico favorável e de ausência de adversidades climáticas no Estado, fator importante para a manutenção da renda no campo e para o fornecimento de matérias-primas e produtos industriais para o setor. Paralelamente, os juros menores estimularam e deverão continuar estimulando a demanda por bens de capital, favorecendo os setores produtores de máquinas e equipamentos, de grande importância na matriz industrial gaúcha. Já o desempenho negativo de calçados e artigos de couro e de fumo refletiu, em grande medida, os impactos da prolongada valorização do real. Em termos globais, observou-se que a indústria gaúcha chegou ao final de 2007 no mesmo patamar de crescimento do primeiro semestre de 2004, a partir de quando se configurou um quadro de crise, inclusive com taxas de crescimento negativas. O bom desempenho de 2007, portanto, ainda não representou uma efetiva expansão da indústria gaúcha.

A perspectiva para 2008 é que o PIB cresça em torno de 4,5% — com a indústria mantendo a trajetória de crescimento iniciada em 2005 —, o que depende de alguns fatores. Em primeiro lugar, o próprio padrão de crescimento atual pode se constituir em um obstáculo ao alcance dessa taxa. O crescimento do consumo interno a taxas superiores às do PIB vem sendo sustentado por um aumento das importações, que, por sua vez, estão crescendo em um volume superior ao das exportações. A manutenção dessa diferença já sinaliza a mudança de superávit para déficit em conta corrente. Em segundo lugar, o crescimento do PIB depende dos desdobramentos da crise norte-americana e de sua intensidade. Em nível interno, aparecem ainda outras questões, cujas resoluções terão maior ou menor impacto sobre a atividade econômica. Como será compensada a perda da receita arrecadada com a CPMF? O aumento das alíquotas do IOF e da CSLL serão acompanhados de outras medidas, seja de aumento de receita, seja de redução de gastos?

Referências

ALIMENTOS fazem IPCA fechar em alta em 2007. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 16, 14 jan. 2008.

BALANÇO econômico 2007 & perspectivas 2008. Porto Alegre: FIERGS; Unidade de Estudos Econômicos, dez. 2007. Disponível em: <http://www.fiergs.org.br/>. Acesso em: 18 dez. 2007.

CAMPOS, Sílvia Horst. Indústria em 2007: produção e produtividade do trabalho em alta. **Indicadores Econômicos FEE**, v. 35, n. 3, 2007. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/sitefee/download/indicadores>. Acesso em: 15 jan. 2008.

CARTA da Anfavea. São Paulo, n. 260, jan. 2008. Disponível em: <http://www.anfavea.com.br/cartas/Carta260.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2008.

CARTA DE CONJUNTURA. Rio de Janeiro, IPEA, dez. 2007. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes>. Acesso em: 10 jan. 2008.

CASARIN, Marcos Felipe. Investimento. **Economia & Conjuntura**, Rio de Janeiro, IE/UFRJ, p. 22-25, dez. 2007. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/conjuntura/pdfs/Dez2007.pdf>. Acesso em: jan. 2008.

CELOTO, Rodrigo; MELO, Fernando Homem de. Nota de conjuntura: ótimo crescimento econômico brasileiro em 2007. **Informações FIPE,** São Paulo, n. 328, jan. 2008. Disponível em: <http://www.fipe.org.br/publicacoes/downloads/bif/2008>. Acesso em: jan. 2008.

CUSTO alto impediu maior crescimento do setor de alimentos em 2007. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 14, 10 jan. 2008.

DANTAS, Fernando. Todo mundo errou ao subestimar a atratividade do país. **O Estado de São Paulo**, p. B-12, 13 jan. 2008. (entrevista com Edmar Bacha).

DE CHIARA, Márcia. Safra recorde e preço alto. **O Estado de São Paulo**, p. B-8, 13 jan. 2008.

FABRICANTES brasileiros investem em *design*. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, cad. 2, p. 1, 14 jan. 2008.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER — FEE. **Estatísticas/ /PIB**. Disponível em: <http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/estatisticas>. Acesso em: 27 dez. 2007.

INDICADOR IPEA de produção industrial mensal, jan. 2008. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/destaque>. Acesso em: 15 jan. 2008.

INDICADORES IBGE: pesquisa industrial mensal: produção física Brasil. Rio de Janeiro, nov. 2007. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores>. Acesso em: 08 jan. 2008.

INDICADORES IBGE: pesquisa industrial mensal: produção física regional. Rio de Janeiro, nov. 2007a. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores>. Acesso em: 10 jan. 2008.

INDÚSTRIA gaúcha só recupera perdas no final de 2008. **Informe Econômico**, Porto Alegre, FIERGS, n. 3, 14 jan. 2008. Disponível em: <http://www.fiergs.org.br/>. Acesso em: 14 jan. 2008.

PRATES, Caio. Panorama macroeconômico. **Economia & Conjuntura**, Rio de Janeiro, IE/UFRJ, ano 7, n. 84, dez. 2007. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/conjuntura/pdfs/Dez2007.pdf>. Acesso em: jan. 2008.

SÃO PAULO: indústria de máquinas agrícolas projeta aumento de 28,4% nas vendas. **Gazeta Mercantil**, São Paulo**,** 6 jul. 2007. Disponível em: <http://www.paginarural.com.br/>. Acesso em: 20 dez. 2007.

VALOR de negócios fechados na Couromoda aumenta 11%. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, p. 12, 18 jan. 2008.